
VIOLETA: BREVE HISTÓRIA DE UM JORNAL LITERÁRIO NO CONTEXTO SUL-RIO-GRANDENSE DO SÉCULO XIX

Violeta: brief history of a literary journal in sul-rio-grandense context of nineteenth century

Francisco das Neves Alves¹

RESUMO: Na segunda metade do século XIX, a imprensa brasileira passava por uma fase de diversificação e especialização, circulando jornais voltados a temáticas mais específicas. Nesse processo histórico desenvolveu-se um profícuo jornalismo literário, com publicações voltadas à difusão da leitura e da cultura. Os periódicos literários espalharam-se pelo país como no caso da mais meridional das províncias do Brasil, circulando no Rio Grande do Sul vários jornais ligados à literatura, entre eles a *Violeta*, objeto de estudo deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Literatura; História; Jornalismo literário

ABSTRACT: In the second half of the nineteenth century, the Brazilian press was undergoing a phase of diversification and specialization, circulating newspapers geared to more specific topics. In this historical process has developed a fruitful literary journalism, with publications dedicated to the dissemination of reading and culture. Literary journals spread across the country as in most southern provinces of Brazil, circulating in Rio Grande do Sul several newspapers linked to literature, including *Violeta*, object of study of this work.

KEYWORDS: Press; Literature; History; Literary journalism

Pacificado internamente, após as graves crises insurrecionais da época regencial que estouraram por várias das províncias ao longo do território nacional, o Brasil percorreria uma etapa de sua história caracterizada por certa harmonia política e, conseqüentemente, por uma estabilidade econômica que corresponderia ao apogeu do império. Refletindo tal contexto, a imprensa brasileira também passaria por transformações, de modo que o jornalismo predominantemente combativo, político e ideológico, característico daquela era revolucionária, não seria substituído de todo, mas viriam a surgir alternativas editoriais que ofereceriam novas oportunidades de leitura ao público. Nesse sentido, a partir da segunda metade do século XIX,

1 Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande.

o periodismo brasileiro entraria numa fase de expansão quantitativa e qualitativa, ocorrendo um processo de diversificação das atividades jornalísticas com a edição de variados gêneros, além de uma especialização do periodismo, passando a circular diversificadas publicações destinadas à abordagem de temáticas especiais e/ou voltadas a segmentos específicos no que tange ao público leitor.

No conjunto de tal diversificação e especialização do jornalismo, os escritos de cunho literário passavam a ganhar terreno. A literatura já tinha relevância no seio do periodismo brasileiro, tanto que até mesmo os jornais considerados como predominantemente políticos ou noticiosos, por vezes, acresciam o termo “literário” nos dísticos que estampavam em seus cabeçalhos. Além disso, um número considerável de periódicos já reservava um lugar em suas páginas para matérias literárias na seção “Folhetim”. Entretanto, tal segmento editorial, normalmente alocado ao pé da página, nem sempre era considerado como indispensável, de modo que aparecia ou desaparecia de acordo com a disposição gráfica e a disponibilidade de espaço em meio ao restante das matérias. Além disso, os textos folhetinescos eram na maioria da lavra de autores sumamente reconhecidos no cenário internacional ou nacional, havendo poucas oportunidades para os escritores que atuavam nos contextos regional ou local e a imprensa especificamente literária viria a preencher tais lacunas.

Assim, na segunda metade do século XIX, as publicações literárias iriam se espalhar ao longo do território brasileiro, chegando a muitas das províncias, notadamente nas suas localidades mais progressistas. Tal fenômeno se repetiria na mais meridional das províncias do império, onde passou a circular significativo número de folhas literárias. No Rio Grande do Sul, a imprensa tivera um desenvolvimento tardio em relação a outras partes do país, vindo a surgir na década de 1820 e, a partir de então, evoluiu crescentemente. O processo histórico marcado pela preparação e eclosão da Revolução Farroupilha representou um momento de expansão no jornalismo gaúcho, surgindo grande quantidade de jornais voltados essencialmente ao debate político-ideológico que tomava conta da província, restando um espaço praticamente nulo para os periódicos que não pretendessem abordar os conflitos então em voga. Os desgastes oriundos da guerra civil levariam a um declínio na imprensa rio-grandense que só voltaria a se recuperar na década de 1840, com o fim do enfrentamento bélico e a progressiva reconstrução política e econômica.

Essa segunda etapa do jornalismo sul-rio-grandense, refletindo o próprio contexto nacional, traria consigo uma diversificação das atividades jornalísticas que, sem abandonar o debate político, partidário e ideológico, abriria espaço para algumas estratégias editoriais alternativas. O periodismo

noticioso e comercial progrediria, surgindo alguns dos mais longevos e perenes jornais diários gaúchos que intentavam reproduzir o *modus operandi* da grande imprensa nacional e internacional. Ao lado desses periódicos melhor estruturados financeiramente, tecnicamente e organizacionalmente, evoluiria também uma pequena imprensa, representada por jornais de pequeno formato, circulação não diária, distribuição irregular e existência normalmente pouco perene. Ainda que a longevidade não fosse característica de tais folhas, elas marcariam sua presença no contexto rio-grandense-do-sul daquela época e, bem de acordo com tais tendências, se fez presente um jornalismo literário.

As últimas décadas do século XIX marcariam uma fase de apogeu da imprensa gaúcha, levando em conta o tipo de jornalismo até então praticado. Além da diversificação das lides jornalísticas, ocorreria uma crescente especialização dos jornais, surgindo significativo espaço para o desenvolvimento de publicações destinadas à literatura, refletindo o fenômeno que marcava a imprensa brasileira como um todo (SODRÉ, 1999, p. 196-199). Os jornais literários surgiam a partir de uma nova conjuntura socioeconômica e política, marcada por certas preocupações com a cultura, as ciências e as humanidades, fomentando a procura por material de leitura e atualidade capaz de desenvolvê-lo. Além disso, esses periódicos representavam um gênero jornalístico alternativo às folhas panfletárias de cunho partidário, predominantes até então, uma vez que procuravam romper com tal situação vigente, especializando-se na difusão cultural e na discussão de assuntos de atualidade sem compromisso doutrinário (RÜDIGER, 2003, p. 44 e 60).

No contexto provincial, os periódicos literários teriam um papel essencial ao abrir espaço à divulgação dos trabalhos de escritores locais e regionais. Nesse sentido, a evolução da literatura gaúcha do século XIX esteve intrinsecamente ligada aos avanços do próprio jornalismo, que teve efetiva influência na produção literária da província e na sua consequente divulgação, uma vez que os primeiros autores sul-rio-grandenses utilizavam-se das páginas dos jornais, tendo em vista as grandes dificuldades que encontravam para a publicação e difusão de suas obras (BAUMGARTEN & SILVEIRA, 1980, p. 12). Assim, por meio dos periódicos literários, foram divulgados escritos dos mais representativos autores gaúchos, bem como romances, contos, textos críticos e correspondência entre escritores ligados ao movimento cultural da província (BAUMGARTEN, 1982, p. 26-27), os quais seriam precursores ao moverem um espírito de luta pela causa literária (CESAR, 2006, p. 179), constituindo uma primeira geração importante de intelectuais rio-grandenses (BAUMGARTEN, 1999, p. 44).

A partir de tais condições favoráveis, o jornalismo literário

espalhou-se pelas mais importantes localidades rio-grandenses-do-sul. Dentre elas esteve a cidade do Rio Grande, a mais antiga das urbes gaúchas, a qual teve a sua origem ligada a uma função essencialmente estratégica nas disputas territoriais anteriores à independência. A partir dos Oitocentos, a cidade passaria por relevantes mudanças, transformando-se no grande entreposto mercantil do Rio Grande do Sul, constituindo o seu único porto marítimo, por onde escoava a produção pecuária e charqueadora e entravam as importações destinadas ao consumo da província. O desenvolvimento comercial dessa comuna portuária traria consigo também certa ascensão econômica e política, bem como a evolução urbana e o crescimento demográfico, num quadro que se tornaria propício também a avanços no campo cultural. Tais progressos culturais teriam na imprensa um dos seus fatores catalisadores.

Considerada a porta de entrada da província rio-grandense, a cidade do Rio Grande teve recorrentemente por meta apresentar-se como verdadeiro cartão postal, ou seja, como uma urbe que contava com os bafejos da civilização, de acordo com os padrões europeus de então. Nesse sentido, a existência de um jornalismo bem desenvolvido exercia um duplo papel nessa missão civilizadora, já que a presença de jornais serviria para denotar os avanços culturais citadinos, bem como os próprios periódicos se propunham a propagandear esses mesmos progressos. Tal perspectiva era confirmada pelo fato de que o porto do Rio Grande não servia apenas para o intercâmbio de mercadorias, como também para a circulação de pessoas, ideias, informações, opiniões, correspondências, livros, companhias artísticas, que primeiro passavam pelo estabelecimento portuário, para depois chegar ao resto da província. Dessa forma, poderia ser considerado como um jornalismo de ponta aquele praticado no contexto rio-grandino, pois seus periódicos acompanhavam *pari passu* os progressos do conjunto da imprensa gaúcha e muito proximamente os avanços do periodismo praticado na maior parte das cidades brasileiras.

A imprensa rio-grandina foi uma das precursoras na conjuntura provincial, tendo suas origens também vinculadas às disputas político-ideológicas e bélicas da Revolução Farroupilha, com a existência de um periodismo incisivo e engajado, defendendo as causas de rebeldes e legalistas. A cidade portuária passaria igualmente por um processo de reestruturação de sua imprensa com progressivas diversificação e especialização das lides jornalísticas, num contexto em que circularam os tradicionais e longevos diários, além de periódicos noticiosos, folhas políticas, semanários caricatos, pasquins e publicações representativas de determinados segmentos socioeconômicos. Foi nesse contexto que ocorreu, desde a década de 1860 até a virada do século XIX para a centúria seguinte, a

circulação de uma série de jornais literários, voltados essencialmente à difusão da leitura e à propagação da cultura. Essa imprensa literária inseriu-se na própria planificação de um desenvolvimento cultural da cidade do Rio Grande, estando plenamente afinada com a o intento civilizador tão almejado no âmbito cidadão. Desse modo, se a civilização era o destino pretendido, a literatura poderia ser o caminho e os jornais literários, os propagadores e arautos que buscariam guiar a comunidade, por tal seara, em direção àquela meta (ALVES, 1999a, p. 51).

Ao contrário dos demais gêneros jornalísticos, notadamente os diários comerciais e noticiosos, que tratavam a literatura como uma matéria de natureza complementar em suas páginas, a imprensa literária consagrava-se de forma total ou praticamente integral ao desenvolvimento da arte literária (ALVES, 1999b, p. 143). Dessa forma, vários foram os títulos de periódicos literários editados no Rio Grande, ao longo das quatro últimas décadas do século XIX. Os primeiros e mais destacados circularam nos anos sessenta, havendo uma continuidade nos decênios seguintes (ALVES, 2002, p. 142) e, dentre eles, destacaram-se a *Arcádia* (1867-1869 – no Rio Grande), que se anunciava como um “literário, histórico e biográfico”, pretendendo ser também “ilustrado”, mudando mais tarde seu dístico para “jornal consagrado à literatura”; a *Inúbia* (1868) que se apresentava como “periódico literário”; a *Grinalda* (1870-1871), um “periódico literário, crítico e recreativo”; a *Violeta* (1878-1879), que publicava em seu frontispício “periódico literário, crítico e instrutivo”; o *Arauto das Letras* (1882-1883 e 1889), um “órgão dedicado à mocidade rio-grandense” de tendência literária; a *Lanterna* (1893-1894) que se dizia “jornal crítico, literário e noticioso”; o *Correio Literário* (1900), cujo próprio título definia suas metas; e *O Recreio* (1901), outro “órgão da mocidade” voltado à literatura (ALVES, 2000, p. 16-7).

Uma das características essenciais do periodismo literário era o recorrente intento de demonstrar que suas propostas editoriais eram essencialmente culturais, não devendo suas páginas destinar espaço a outro tipo de matéria que não estivesse ligada à literatura, à arte, ao estudo e à leitura. Tal meta das folhas literárias esteve associada à busca por superar a pasquinagem, então bastante em voga, bem como ao objetivo de tornar-se cada vez mais uma opção em relação aos periódicos alicerçados no partidarismo. Além disso, esses jornais em muito debatiam os entraves que se antepunham à suas edições. As iniciativas ligadas ao jornalismo literário estiveram quase sempre vinculadas às práticas da pequena imprensa, ou seja, era representado por periódicos, em geral, de pequeno formato, distribuição semanal e que apresentavam sérias dificuldades na manutenção de sua circulação regular. Normalmente, eram folhas de confecção artesanal nas quais um único indivíduo, sem um quadro de funcionários, executava as mais

variadas funções, desde a elaboração até a distribuição do produto final. Tais publicações nem sempre eram impressas em oficinas próprias, dependendo dos serviços de terceiros para imprimir seus exemplares. Nesse sentido, a imprensa literária também foi promovida a partir de iniciativas individuais que, apesar dos constantes obstáculos e das condições às vezes precárias, conseguiram manter a circulação de periódicos de razoável qualidade editorial, apesar da pouca perenidade (ALVES, 2005, p. 35 e 38-39).

Esse constante escopo de demonstrar um purismo literário e a recorrente abordagem das amplas dificuldades que cercavam sua sobrevivência foram temas comuns nas páginas das publicações literárias, somando-se aos escritos vinculados à difusão da literatura propriamente ditos, os quais eram distribuídos em variadas seções, normalmente discernidas em textos elaborados em prosa ou verso. Em tais edições apareciam também indícios do que poderia ser considerado como uma crítica literária, além de abordagens em torno de temas culturais e sociais da época. Uma característica marcante desse tipo de periodismo foi uma constante troca de correspondências que, acrescida pelo próprio intercâmbio de exemplares dos jornais, serviam à formação de uma verdadeira rede discursiva pela qual se debatia variadas questões em torno do saber, das letras e da intelectualidade, sob um prisma temático bastante amplo e promovido numa área de abrangência extremamente larga, envolvendo não só o contexto provincial, mas também o nacional e até o internacional.

Dentre as folhas literárias rio-grandinas, uma das que esteve plenamente inserida nessa caracterização geral foi a *Violeta* que circulou de março de 1878 a julho de 1879. Suas propostas editoriais já ficavam demarcadas pelo dístico estampado em seu cabeçalho, no qual se definia, inicialmente, como um “periódico literário, crítico e instrutivo”, invertendo, a partir de abril de 1879, para “literário, instrutivo e crítico”. Era um semanário, cujas quatro páginas chegavam aos leitores nos domingos. Sua redatora e proprietária era Julieta de Mello Monteiro que, além de jornalista, foi professora, poetisa, contista, memorialista e teatróloga, e constituiu uma das figuras expoentes da intelectualidade rio-grandina e rio-grandense da época (MARTINS, 1978, p. 375; NEVES, 1987, p. 143-4; e VILLAS-BÔAS, 1974, p. 325). O jornal era impresso em tipografia própria e sua assinatura custava, na cidade do Rio Grande, 500 réis (mensal) e 1\$500 (trimestral) e, fora dela, 2\$000 réis a cada trimestre.

Uma das particularidades da *Violeta* estava ligada ao fato de que, além de ter uma mulher como redatora e proprietária, praticamente a totalidade de suas colaborações era também da autoria de representantes do sexo feminino, além disso, o principal público alvo da folha literária eram também as mulheres. As seções do jornal bem demarcavam suas intenções

essencialmente voltadas à literatura e à cultura, caso das “Rosas literárias”, na qual eram divulgados escritos em prosa, “Íris poético”, destinada aos textos em versos e “Miríades”, em que aparecia uma série de correspondências trocadas entre as leitoras. Além dessas, eram publicados comentários acerca de periódicos e obras bibliográficas e uma “Revista dos jornais”, na qual eram citados os diversos periódicos com os quais a *Violeta* fazia intercâmbio, enviando e recebendo exemplares. Tal prática demonstrava o alcance da folha literária rio-grandina que fazia permutas com publicações oriundas não só do Rio Grande do Sul, como também de diversas localidades espalhadas pelo sul, centro, nordeste, norte e oeste do império, bem como do exterior, caso dos Estados Unidos e de Portugal.

A ênfase em destacar suas propostas eminentemente literárias foi uma das marcas registradas da *Violeta*. Ainda que na coleção disponível dentre os exemplares remanescentes não exista o primeiro número no qual ficou registrado o programa da folha, suas metas foram retomadas recorrentemente tanto nas matérias editoriais quanto em apreciações de outros jornais estampadas nas páginas do semanário rio-grandino, nos quais ficavam expressas suas intenções de destinar-se à literatura e voltar-se essencialmente a um público feminino. Dessa maneira, a *Violeta* foi definida como um ensaio de jornalismo feminil, constituindo um dos primeiros tentames que se fazia na imprensa rio-grandense para mostrar que a mulher, além do encanto do lar e da flor mimosa a embelezar o caminho da vida, poderia também, na república das letras, nas lutas da inteligência e nos prélios da imprensa, ostentar as mimosas graças de seu espírito (VIOLETA, 28 jul. 1878, p. 1).

Em linguagem figurada, através de constantes alusões ao seu título de inspiração floral, o semanário era apresentado como uma delicada e mimosa *Violeta* que continuava a derramar no ambiente literário os doces perfumes que exalavam as produções de suas inteligentes redatoras. Também era reconhecido como um órgão da imprensa rio-grandense que advogava a causa do sexo gentil, vindo suas páginas exornadas de delicadas flores, de mimosas poesias de um lirismo doce e suave e de belos artigos que revelavam em suas autoras prometededor futuro nas lides da imprensa e nos torneios da inteligência. Na mesma linha, comentava-se que a folha rio-grandina era uma publicação literária destinada às moças, podendo dizer-se que era um buquê de odoríferas flores que estava a trescalar o mais agradável perfume para os que tivessem a ventura de tocá-lo (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 1). A publicação literária foi apresentada ainda como um mimoso e delicado ramallete literário que recendia o inebriante perfume das mais esquisitas e preciosas flores, publicando lindíssimas composições literárias, espirituosos escritos e poesias de verdadeira inspiração e merecimento

(VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Ao adentrar seu segundo semestre de existência, a *Violeta* se definia como uma folha modesta e singela que fielmente vinha cumprindo o seu programa. Lembrando a popularidade da pasquinagem, o periódico confessava que seu comportamento ilibado desagradava a muitos, visto que ele não se ocupava com a vida alheia, considerando tal situação como uma triste realidade. A respeito da conjuntura cultural, o semanário lamentava que a maior parte da mocidade detestasse as letras, porque se aborrecia com o estudo e, se por acaso chegasse a buscar um jornalzinho da ordem da *Violeta* era apenas para ler a parte crítica. Entretanto, apontava que, como todas as regras tinham exceção, ainda se conseguia, lutando com algumas dificuldades, manter a existência de jornais literários, bem como avisava que não se zangassem aqueles em quem coubera a carapuça e que aceitassem seus cordiais agradecimentos os que com suas valiosas proteções vinham concorrendo para que se pudesse cultivar aquela frágil e pequenina flor (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

As apreciações de outros periódicos continuavam a exaltar a *Violeta* como uma publicação literária mantida por mulheres. Nesse sentido, era destacado que no Rio Grande do Sul estava sendo publicado um pequeno jornal que tinha por principal base de seus assuntos a literatura, a crítica e a instrução, sendo habilmente redigido e cientificamente bem colaborado por senhoras. Manifestava-se regozijo pelo fato de radiar no país uma luz nascida do espírito feminino, que parecia condenado às trevas por um sentimento de ignorância e duras práticas de seus detratores. De acordo com tal linha de pensamento, era explicado que, sem motivo para o ser, o sexo feminino vinha sendo considerado de nenhum proveito nas ciências, porque os que podiam e os que imperavam entendiam que tal sexo era frágil em tudo e, muito embora a natureza estivesse apontando nele inteligências fortíssimas, consideravam que tal ação intelectual não passava de quimera. Em contrapartida, a folha que apreciava a publicação rio-grandina vaticinava que na realidade a *Violeta* por si só formava um grande baluarte da ciência instrutiva e mais o seria se surgissem imitadoras à sua atitude (VIOLETA, 29 set. 1878, p. 1-2).

No mesmo sentido, afirmava-se que os escritos inseridos na folha literária rio-grandina provavam não só inteligência e gosto, mas também o sincero desejo de empregar ambos os dotes em prol da literatura (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1). Referindo-se ao norte editorial da publicação, explicava-se que tal flor mimosa do jornalismo evitava as abordagens da alta imprensa, mas trazia o perfume da poesia que falava ao coração e os enlevos da literatura que arrebatava a inteligência, constituindo um protesto vivo contra a tola opinião da incapacidade da mulher, manifestando-se a expectativa de que de suas páginas saíssem nomes que a história, a literatura, a poesia e a

política viriam a gloriar em seus anais (VIOLETA, 1º dez. 1878, p. 1). O semanário chegou a ser considerado como um importante periódico literário publicado na província sulina e que, no panteão do jornalismo brasileiro, se destacava pela singeleza e variedade de seus escritos e pelo bem elaborado de seus artigos que ilustravam o império do cruzeiro (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

Ao entrar em seu segundo ano de existência, o periódico anunciava que, como sempre diligenciado por agradar, especialmente ao belo sexo ao qual se destinava, resolvera fazer algumas alterações em seu programa, tais como trazer de quando em quando uma ligeira notícia sobre modas, ou outra qualquer dessas distrações que tanto agradavam a maior parte do sexo frágil. Diante disso, esperava continuar a merecer o franco acolhimento que até então lhe tinha sido tão benignamente dispensado. Além disso, a folha literária apontava para outras transformações editoriais, prevendo, com a finalidade de dar merecimento ao pequeno jornal, a publicação de escritos a respeito de senhoras ilustres brasileiras e estrangeiras, e, principalmente, rio-grandenses, diante do que se propunha a receber com a maior gratidão os dados que lhe fossem transmitidos para tal fim. Esclarecia que não só aceitava, mas muito encarecidamente pedia a contribuição das pessoas patrióticas e amantes da literatura. Tal proposta era justificada pelo fato de que o exemplo das mulheres que se distinguiram poderia vir a iluminar muitas inteligências feminis que dormiam esquecidas pela indiferença, as quais despertariam com a narração deslumbrante dos altos feitos de gloriosas ascendentes e não menos ilustres contemporâneas (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

Manter uma folha literária não era empreitada fácil e, a cada edição na qual fechava mais um período de existência, surgia um motivo de comemoração por parte do semanário que observava com orgulho os alcances que vinha obtendo, ainda que o caminho fosse prenhe de estorvos. Nesse sentido, a *Violeta* demarcava a data na qual finalizava o seu primeiro mês de existência, desejando que Deus quisesse que o mesmo orvalho que lhe tinha dado vida até então, continuasse a alimentá-la (VIOLETA, 14 abr. 1878, p. 1). Na mesma linha, a publicação homenageava seus leitores e colaboradores ao encetar o seu segundo trimestre de circulação, afirmando que faltaria a um sagrado dever se deixasse de gravar em suas páginas um protesto de gratidão a todas aquelas pessoas que se dignaram a prestar-lhe a sua proteção, fosse com seus belos escritos fosse com suas assinaturas (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Nessa mesma oportunidade em que adentrava o seu segundo trimestre de existência, o jornal destacava que queria corresponder a tantas manifestações de apreço que recebera, de modo que resolvera aumentar o seu

formato. Tal melhoramento adviria da crença da folha de que continuaria a ser bafejada pelas bonançosas auras com que até então fora agraciada. Convicta da execução de seu norte editorial, a redação exclamava que aquele jornalzinho, criado exclusivamente para o belo sexo, deveria do mesmo receber toda a proteção, de modo que, figurativamente, nas mãos das distintas brasileiras eram colocadas singelas violetas, esperando que elas jamais fossem deixadas no abandono. Na mesma linha, conclamava a todas àquelas em cujos cérebros se fizesse presente a luz da inspiração, que auxiliassem na árdua, porém bela carreira que era encetada. A ocasião servia ainda para que o periódico manifestasse sua sincera gratidão à ilustre imprensa brasileira, que tão lisonjeira se vinha mostrando para com aquele semanário literário (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Um dos pontos altos da *Violeta* em termos de alcance, ainda mais por estar inserida no contexto da pequena imprensa, foi a repercussão obtida nos mais longínquos recantos do Brasil, através do intenso intercâmbio que promoveu com jornais de diversas províncias brasileiras. Tal permuta era levada muito a sério pelo semanário, que não descuidava do envio e recebimento de exemplares, como ele mesmo deixava claro ao declarar que daquela data em diante ficaria suspensa a entrega do jornal a todas aquelas empresas tipográficas, cujas redações não se dignassem a permutar seus periódicos com a *Violeta* (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1). No mesmo sentido, a publicação literária pedia às redações de todos os periódicos de fora da província sulina que davam a honra de intercambiar com a folha rio-grandina que, quando enviassem seus exemplares, o fizessem para a cidade do Rio Grande, e não para a vizinha Pelotas, como acreditava que por engano o vinham fazendo, atitude da qual resultava extraviarem-se uns e demorar-se o recebimento de outros (VIOLETA, 14 jul. 1878, p. 1).

Apesar do pequeno formato e de todas as dificuldades que cercavam aquele tipo de empreendimento, a tenacidade e perseverança da redação da *Violeta* trouxeram resultados significativos, ainda mais tendo em vista o alcance de suas permutas, que permitiu a difusão de matérias literárias ao longo de grande parte do território brasileiro e até do exterior. Nesse sentido, a própria folha ressaltava o fato de ter recebido uma revista mensal da cidade estadunidense de Nova York, com a qual passou a intercambiar exemplares. A esse respeito, o semanário afirmava que folgava assaz em dar essa agradável notícia a seus favorecedores, pois que, conquanto tenha sido geral no Brasil a aceitação daquele modesto jornalzinho, nunca chegara a persuadi-lo que de tão longe receberia tão inequívoca prova de apreço (VIOLETA, 21 jul. 1878, p. 1). E de tal mérito, a redação da publicação literária não abria mão, como ao constatar que já havia muito tempo que um interessante periódico não acusava o recebimento da *Violeta*, diante do que

tomava o cuidado de participar aos responsáveis pelo mesmo, que continuava sendo pontual na remessa dos seus exemplares, e que ignorava se eles estavam ou não chegando ao seu destino (VIOLETA, 18 ago. 1878, p. 1).

Ainda que tenha obtido significativa repercussão, apesar de seus próprios limites, *A Violeta* teve de enfrentar ao longo de sua existência as relevantes dificuldades que normalmente se antepunham aos representantes da pequena imprensa. Um desses embaraços estava ligado à venda de assinaturas, única fonte de renda da folha, bem como a inadimplência daqueles que deveriam contar como seus favorecedores. Nessa linha, os avisos tornavam-se recorrentes, como no caso da publicação de um pedido endereçado aos assinantes que ainda se achavam em débito com a empresa, para os quais a redação rogava o obséquio de o mandarem saldar (VIOLETA, 19 maio 1878, p. 1). As cobranças eram retomadas já no segundo ano de existência da folha que rogava a todos os seus assinantes tanto do Rio Grande, como de fora dele, especialmente aos da cidade gaúcha de Bagé, que ainda se achavam atrasados em seus pagamentos para com aquela pequena empresa, o obséquio de mandarem satisfazer tal importância o mais breve possível, tendo em vista a entrada em um novo trimestre, período base no pagamento das assinaturas (VIOLETA, 13 abr. 1879, p. 2).

Ainda a respeito do problema do pagamento das assinaturas associado ao da distribuição, a folha editou uma nota sob o título “Procedimento inqualificável”, explicando que só assim se poderia chamar aquele que haviam acabado de ter os assinantes residentes na vizinha cidade de Pelotas para com aquela pequena empresa. Passava então a detalhar o ocorrido, destacando que, durante um semestre, fora enviada quantia muito superior a cem exemplares, para que o seu agente fizesse a distribuição entre os assinantes e as redações de outros jornais, entretanto, quase ao concluir-se o trimestre, foram também remetidos ao mesmo agente os recibos para que ele procedesse à cobrança, visto que o pagamento deveria ser adiantado. Diante de tal perspectiva, o semanário manifestou sua surpresa quando aquele funcionário mandou dizer que todos os assinantes negavam-se a pagar pelo motivo de que a folha rio-grandina havia muito não publicava crônicas daquele lugar, deixando por isso de interessar aos pretensos favorecedores. Perante tal comentário, o periódico literário afirmava que não queria crer que entre tantas pessoas não houvesse uma que se interessasse pela literatura e que todas fossem assinantes por mera curiosidade de novidades (VIOLETA, 22 set. 1878, p. 1).

Dentre os obstáculos que assolavam a existência da publicação literária rio-grandina estavam também os de natureza técnica, que potencializavam seus efeitos por tratar-se de uma edição realizada em meios praticamente artesanais. Nesse sentido, a *Violeta* publicava uma nota

intitulada “Aos nossos assinantes”, na qual avisava que, tendo havido um pequeno desarranjo no seu prelo, fora um de seus números impresso na tipografia de outro jornal, na qual se dera um terrível engano ao colocarem-se as páginas no prelo, pelo que a redação pedia mil desculpas a seus favorecedores, esperando que aquilo jamais se reproduzisse novamente (VIOLETA, 31 mar. 1878, p. 1). Havia problemas também ligados à revisão dos textos, como no caso de alguns erros que teriam escapado numa das edições do periódico, especialmente na pontuação de uma narrativa. Diante dessa falta involuntária, o semanário mais uma vez desculpava-se, bem como dizia esperar das esclarecidas inteligências de seus assinantes a pronta correção dos mesmos (VIOLETA, 25 ago. 1878, p. 2). Mais tarde, já próximo de suas últimas edições, o semanário avisava que, devido a um pequeno desarranjo havido em seu prelo, fora obrigado a não distribuir seu exemplar referente à última edição, o que bastante contrariava a redação que, da benevolência de seus leitores, esperava merecer desculpa para essa falta involuntária (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1).

A organização dos trabalhos nas oficinas de um periódico que constituía um representante da pequena imprensa tinha de ser extremamente simplificada, pois, praticamente não havia funcionários, ficando as diversas etapas da elaboração do jornal nas mãos de seu proprietário. De acordo com tal perspectiva, o responsável pela publicação, muitas vezes, tinha sob sua responsabilidade a idealização, a planificação e a confecção de cada uma das edições, atuando na redação, revisão, formatação, impressão e até na distribuição da folha. Com poucos recursos, essas publicações não tinham condições de pagar boas remunerações, diante do que escasseava a possibilidade da contratação de empregados e, quando isso se tornava possível, a qualidade do serviço prestado normalmente não era das melhores. A *Violeta* foi atormentada por tais males, vindo a ter constantes problemas com seus representantes comerciais, notadamente na vizinha cidade de Pelotas e, mais ainda, com seu serviço de cobranças.

Desse modo, foi recorrente nas páginas do semanário o anúncio da necessidade de um cobrador (VIOLETA, 30 jun. 1878, p. 1; 14 jul. 1878, p. 1; e 28 jul. 1878, p. 1). Além das dificuldades de obter um funcionário para as cobranças, quando o conseguia, o mesmo deixava a desejar, como ficou demonstrado em avisos publicados recorrentemente pelo jornal nos três últimos meses de 1878. Assim, o periódico rogava a um ex-cobrador que fizesse o obséquio de comparecer à sua oficina, pois a sua falta era assaz sensível, e ainda mais a dos recibos ou a importância referente aos mesmos que ele se *esquecera* de trazer à redação (VIOLETA, 20 out. 1878, p. 1; 27 out. 1878, p. 2; 3 nov. 1878, p. 1; 10 nov. 1878, p. 2; 17 nov. 1878, p. 1; 1º dez. 1878, p. 1; 8 dez. 1878, p. 2; e 22 dez. 1878, p. 2). A impaciência da

redatora crescia e o aviso ganhava um tom mais agressivo, sendo perguntado ao ex-funcionário quando ele pretendia dignar-se a visitar o escritório do jornal, trazendo em sua *amável* companhia os recibos que lhe haviam sido confiados ou valor correspondente a eles. A raiva diante do ato ficava expressa nas palavras pelas quais não se sabia se tal indivíduo era cego ou surdo e, por conseguinte, continuaria a ser chamado (VIOLETA, 29 dez. 1878, p. 1).

A inconstância na distribuição era um dos maiores males que afetava a pequena imprensa e a *Violeta* também sentiria seus efeitos. Manter a circulação regular era uma constante preocupação da folha que chegou a rogar a seus assinantes que, no caso de irregularidade na sua entrega, mandassem declarar no escritório da empresa, para que providências fossem tomadas prontamente (VIOLETA, 7 abr. 1878, p. 1). Uma das estratégias mais utilizadas pelos pequenos jornais de então, também foi praticada pela *Violeta* que chegou a antecipar o envio de exemplares para possíveis assinantes, pedindo, no entanto, às pessoas a quem fossem entregues e que não desejassem coadjuvar com a sua proteção, o obséquio de devolvê-los na empresa ou aos seus agentes, visando, assim ampliar a distribuição da publicação para novos favorecedores. Apesar dos cuidados, ainda no seu primeiro trimestre, o semanário declarava que, por motivos alheios à sua vontade deixara de sair à luz um de seus números, cuja falta ficaria suprida com a edição seguinte, para que continuasse dali em diante com a mesma regularidade (VIOLETA, 23 jun. 1878, p. 1).

Como grande parte das etapas da elaboração do jornal ficava nas mãos da proprietária, problemas de qualquer natureza por ela enfrentados poderiam prejudicar a distribuição da folha. Nesse sentido, o semanário desculpava-se diante de seus favorecedores por não ter sido feita a entrega de um de seus números, tendo em vista os tristes motivos que provocaram tal falha, numa referência à perda de um parente da redatora. Em compensação, dizia que na oportunidade dois números haviam sido distribuídos, de modo a preencher aquela falta (VIOLETA, 6 out. 1878, p. 2). Na mesma linha, o jornal teve a sua circulação suspensa durante os três primeiros meses de 1879, por motivo do falecimento do pai da redatora e proprietária. Ao retornar, a folha declarava que, após uma interrupção de três meses, motivada a princípio por desgostos de família e mais tarde por motivos particulares, aparecia novamente a singela *Violeta* a implorar a proteção do público ilustrado. Além disso, avisava aos assinantes que se tinham adiantado em pagamentos com a pequena empresa, que nada sofreriam os seus interesses com a suspensão da edição, visto que haveria o cuidado de indenizá-los diante daquela ausência (VIOLETA, 6 abr. 1879, p. 2).

A publicação literária chegaria a buscar alternativas para as

dificuldades que a cercavam, como foi o caso da proposta de distribuir juntamente com cada exemplar meia folha contendo anúncios, não sendo por tal inovação alterado o preço do jornal, de modo que esperava ampliar o merecimento da proteção pública. Tal estratégia era justificada pelo fato do periódico ter circulação por quase todas as províncias do império e fazendo os anúncios por menor preço do que qualquer outro, esperava não ser esquecido pelos seus assinantes e pelo público em geral (VIOLETA, 11 maio 1879, p. 1). A despeito de todos os esforços, os obstáculos passavam a predominar, chegando a redação a confessar que, apesar da busca por manter a máxima pontualidade na remessa do jornalzinho, não sabia a quem ou a quem atribuir o descaminho pelo mesmo sofrido, uma vez que eram contínuas as reclamações daqueles que diziam não tê-lo recebido (VIOLETA, 1º jun. 1879, p. 1). As falhas na distribuição tornavam-se cada vez mais recorrentes, levando a folha a declarar que mais uma vez se vira forçada a faltar com uma edição aos seus assinantes. Diante de tal problema, o semanário justificava que era bastante sensível à falta de cumprimento daquele compromisso, que infelizmente ocorrera tendo em vista a falta de empregados pela qual era acometida aquela pequena empresa (VIOLETA, 15 jun. 1879, p. 2).

As precariedades se avolumavam e nova interrupção ocorreria, tanto que o jornal mais uma vez dedicava aos seus assinantes, a quem de coração agradecia a proteção até então dispensada, o pedido de mil desculpas pela irregularidade com que ultimamente vinha sendo distribuída a folha, chegando a prever que, com a entrada de novo mês e trimestre, seria feito todo o possível para que não se reproduzissem tais anormalidades e manifestando a esperança de não ser abandonado pelo favor público (VIOLETA, 6 jul. 1879, p. 1). Até mesmo as novas estratégias de vendas eram nulificadas diante das constantes interrupções, de modo que o jornal declarava que se vira obrigado a deixar morrer logo ao nascer o seu projeto de distribuir junto de cada exemplar meia folha de papel com anúncios. O periódico justificava que fora forçado a assim proceder pela mesma razão que fizera com que o jornal fosse publicado tão irregularmente, ou seja, a falta de empregados. Mas, ainda com alguma esperança, o semanário previa que, logo que estivesse melhor servido, voltaria à ideia original (VIOLETA, 13 jul. 1879, p. 1).

As melhores condições não viriam e a “modesta florzinha literária” cada vez mais perdia sua seiva de sustentação e sucumbia diante de tantas intempéries. Submetida a muitas das limitações que se sobrepunham à pequena imprensa, a folha rio-grandina voltada à literatura, mesmo diante de toda a organização e os esforços de sua redação, chegava a seus estertores. Apesar dos nobres propósitos de difusão da leitura e divulgação da cultura, o

terreno às publicações literárias parecia não ser tão fértil, carecendo de um número de favorecedores que fosse o suficiente para manter suas condições básicas de sobrevivência. Ainda assim, o semanário levou em frente suas propostas, abrindo espaço para a publicação de textos redigidos no contexto local e regional, divulgando uma profícua produção, numa atividade acrescida pelo mérito de ser uma das poucas publicações que se destinou a editar escritos de autoria feminina que se espalharam pelo Brasil e pelo mundo, tendo em vista a bem elaborada rede de intercâmbios promovida a partir da *Violeta* que, enquanto circulou, cumpriu à risca a sua missão.

FONTES

- VIOLETA. Rio Grande, 31 mar. 1878. v. 1, n. 3. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 7 abr. 1878. v. 1, n. 4. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 14 abr. 1878. v. 1, n. 5. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 19 mai. 1878. v. 1, n. 10. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 23 jun. 1878. v. 1, n. 15. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 30 jun. 1878. v. 1, n. 16. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 14 jul. 1878. v. 1, n. 18. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 21 jul. 1878. v. 1, n. 19. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 28 jul. 1878. v. 1, n. 20. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 18 ago. 1878. v. 1, n. 23. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 25 ago. 1878. v. 1, n. 24. p. 1-2.
VIOLETA. Rio Grande, 22 set. 1878. v. 1, n. 28. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 29 set. 1878. v. 1, n. 29. p. 1-2.
VIOLETA. Rio Grande, 6 out. 1878. v. 1, n. 30. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 20 out. 1878. v. 1, n. 32. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 27 out. 1878. v. 1, n. 33. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 3 nov. 1878. v. 1, n. 34. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 10 nov. 1878. v. 1, n. 35. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 17 nov. 1878. v. 1, n. 36. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 1º dez. 1878. v. 1, n. 37. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 8 dez. 1878. v. 1, n. 38. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 22 dez. 1878. v. 1, n. 40. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 29 dez. 1878. v. 1, n. 41. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 6 abr. 1879. v. 2, n. 43. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 13 abr. 1879. v. 2, n. 44. p. 2.
VIOLETA. Rio Grande, 11 maio 1879. v. 2, n. 47. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 1º jun. 1879. v. 2, n. 49. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 15 jun. 1879. v. 2, n. 50. p. 2.

VIOLETA. Rio Grande, 6 jul. 1879. v. 2, n. 52. p. 1.
VIOLETA. Rio Grande, 13 jul. 1879. v. 2, n. 53. p. 1.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Francisco das Neves. Nos limiães da civilização: a imprensa literária rio-grandina na década de 1860. In: Idem. (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999a. p. 49-52.

_____. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Ed. da FURG, 1999b.

_____. A imprensa literária rio-grandina na segunda metade do século XIX. *Artexto – Revista do Departamento de Letras e Artes*, Rio Grande, v. XI, p. 9-28, dez. 2000.

_____. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2002.

_____. A imprensa literária no sul do Brasil no século XIX. In: VAZ, Artur Emílio Alarcon et al. (org.). *Literatura em revista (e jornal): periódicos do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais*. Belo Horizonte: UFMG; Rio Grande: FURG, 2005. p. 27-56.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre; SILVEIRA, Carmen Consuelo. O Parthenon Literário: imprensa e sociedade literária. In: ZILBERMAN, Regina et al. (org.). *O Parthenon Literário: poesia e prosa – antologia*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, Instituto Cultural Português, 1980. p. 12-16.

BAUMGARTEN, Carlos Alexandre. *Literatura e crítica na imprensa do Rio Grande do Sul (1868 a 1880)*. Porto Alegre: EST - São Lourenço de Brindes, 1982.

_____. A *Arcádia* e a história literária sulina. In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Por uma história multidisciplinar do Rio Grande*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 1999. p. 43-47.

CESAR, Guilhermino. *História da literatura no Rio Grande do Sul*. 3 ed. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro; CORAG, 2006.

MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Instituto Estadual do Livro, 1978.

NEVES, Décio Vignoli das. *Vultos do Rio Grande*. Rio Grande: Artexto, 1987.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. *Tendências do jornalismo*. 3 ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4 ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Notas de bibliografia sul-rio-grandense: autores*. Porto Alegre: A Nação; Instituto Estadual do Livro, 1974.

Data de recebimento: 15 mar. 2014

Data de aprovação: 30 maio 2014